

## Introdução à *História dos principais sucessos do Império do Brasil* José da Silva Lisboa<sup>5</sup>

Primo statim beatissimi Imperii ortu res olim dissociabiles miscuit, Principatum ac Libertatem... Nunc redit animus: non pigebit rudi et incondita voce memoriam praesentium temporum composuisse.

Tacitus<sup>6</sup>

Rio de Janeiro. Na tipografia Nacional. 1825<sup>7</sup>

267

No Diário Fluminense de 12 de Janeiro do corrente ano de 1825 se publicou a Ordem do Senhor D. PEDRO I, nosso Augusto Imperador Constitucional, de sete do mesmo mês, expedida pela Secretaria de Estado dos Negócios do Império, em que, de *Motu Próprio*, Houve por bem Mandar encarregar-me a – História dos *Sucessos do Brasil, dignos de memória* –, particularmente desde o dia 26 de Fevereiro de 1821; Determinando, que se me remetessem Documentos autênticos dos Governos das Províncias, para servirem de *Seguros Guias*.

Por obediência submeti-me a esta Comissão, não obstante o reconhecimento da minha insuficiência, e desproporção ao desempenho do Cargo, já estando, por assim dizer, nos confins da vida depois de laboriosa carreira da Literatura; e também por considerar, que, sobre a argüição de falsa modéstia, incorreria na censura de ingratidão, não fazendo no resto dos dias esforço por corresponder, de algum modo, à Honra da Imperial Confiança; e tendo aliás contribuindo com o meu contingente,<sup>8</sup> bem que tênue, de polêmica literária<sup>9</sup> para sustentar o Espírito Público dos Compatriotas no Conflito Político, ora felizmente terminado pelo tratado de Reconhecimento do Império do Brasil, de 29 de Agosto do presente ano.

Tendo, logo que recebi a Ordem Imperial, começado a penosa Tarefa, experimentei os obstáculos de tão árduo trabalho. Ingenuamente confesso, que por vezes caiu-me a pena da mão, antevendo perigos no desfecho do Drama, que a Providência estava fazendo passar aos olhos assombrados dos Governos e Povos do Antigo e Novo Mundo.

<sup>5</sup> LISBOA, José da Silva. **História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil**. Vol. 1. Rio de Janeiro, Tipografia Nacional, 1826.

<sup>6</sup> **Nota da transcrição:** Tradução livre da citação - Em seu começo o afortunado império mistura coisas outrora incompatíveis, Principado e Liberdade... Agora o ânimo retorna: não aflige a voz rude e bruta compor a memória dos tempos presentes.

<sup>7</sup> **Nota da transcrição:** Essas informações acima aparecem na folha de rosto que antecede o texto.

<sup>8</sup> Reclamações do Brasil – Causa do Brasil – Império do Equador – Roteiro Brasílico – Atalaia – Desforço Patriótico – Apelo à Honra Brasileira – Independência do Império do Brasil – etc.

<sup>9</sup> Guerra de pena contra Demagogos de Portugal e do Brasil.

Desassombrado porém de pânicos terrores pelo *Faustíssimo Sucesso* do Ajuste concluído entre Sua Majestade Imperial e Sua Majestade Fidelíssima, pela Mediação de Sua Majestade Britânica, não menos Amigo de Portugal que do Brasil, conciliadas as dissensões do Estado Pai e Filho, e restaurada, com Honra Recíproca, a Concórdia das Nações Portuguesa e Brasileira; podendo agora dizer que recobrei animo para continuação da empresa; submeto à Indulgência do Público esta *Introdução*, na esperança de ser ajudado com socorros das luzes gerais, e oficiais, para decente Exposição dos Fatos mais notáveis, e que tenham o caráter de Certeza Histórica.<sup>10</sup>

A Importância de uma História Geral de qualquer Estado Independente, é reconhecida em todo o País Culto; e não menos é reconhecida a dificuldade desta espécie de Composição Literária, que demanda grande vigor de espírito e corpo, longos anos de trabalho, e muitos subsídios de Monumentos Públicos. Por isso tem sido raros os *Herodotos*, e *Livios*.

Em Portugal, que abunda de Crônicas de seus Escritores sobre a Origem e Elevação da Monarquia Lusitana no antigo e no Novo Mundo, e onde o seu Governo, desde alta antiguidade, criara o Emprego de Cronista Mor do Reino, nunca se empreendeu um inteiro Corpo de História da Nação, ainda no Século, que ali foi mais famoso pela cultura das Letras.

D. João III encarregou a *João de Barros* o escrever a História dos Descobrimentos Marítimos de Portugal: mas este intitulado *Pai da História Portuguesa* foi mui diminuto sobre os do Brasil, não obstante ter sido Donatário da Capitania do Maranhão. *Couto*, seu continuador, *Góis*, *Osório*, e outros Cronistas Nacionais, deixaram a esse respeito a posteridade em escuridão, podendo alias consultar os documentos autênticos da Torre do Tombo, que sempre foi, e ainda é, o Arquivo Oficial do País.

Mas sucedeu assim, não só pela pouca importância, que então se deu ao *Achado do Brasil*, mas também pelo Sistema de arcano, com que o governo resguardava os Negócios e Interesses do Ultramar; chegando ao excesso que refere o dito Barros na Década IV. Liv. VI. Cap. XIV., de mandar o referido Monarca queimar a *Fusta* (Embarcação de vinte dois palmos), com que o insigne Cosmografo e Piloto Diogo Botelho, natural da Índia, se havia transpassado de Goa a Lisboa, para trazer a El-Rei a nova de lhe ter o Sultão *Badur* dado a Fortaleza de Dio; e isso para o fim de que *na Europa se não soubesse, que se podia em tão pequeno Vaso navegar d'Ásia a Portugal*.

Este Sistema continuou com o andar dos tempos, não obstante o progresso das Colônias Ultramarinas. Por isso não é de admirar, que no Brasil fossem raros, e inexatos, os Escritores que deram notícias sobre os principais Sucessos deste Estado.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Esperancei-me também no adjutório de meu Irmão Baltazar da Silva Lisboa (Conselheiro aposentado do Conselho da Fazenda), que há mais de trinta anos se tem esmerado em compor os *Anais do Rio de Janeiro*, e da *Comarca de Ilhéus*, onde foi Magistrado, tendo por isso a oportunidade de fazer exames, e coligir Documentos de Cartórios Judiciais.

<sup>11</sup> *Francisco de Brito Freire* – Relação da Viagem ao Brasil – História da Guerra do Brasil –. *Bartolomeu Guerreiro* – Recuperação da Bahia – *Simão Estação* – Relação das Cousas do Maranhão – *Simão de Vasconcelos* – Notícias do Brasil.

As invasões dos Castelhanos, Holandeses, e Franceses, também contribuíram para a escassez de Monumentos.

Felizmente, por causa daquelas invasões, e pela importância dessa Região de tanta Grandeza Física, a República das Letras adquiriu considerável fundo sobre as particularidades do mesmo País nas obras escritas por Estrangeiros nas Línguas Espanhola, Italiana, Latina, Francesa, e Inglesa. Todavia permaneceram dúvidas em objetos substanciais pela contradição de tais Escritores.

No princípio do século décimo oitavo se imprimiu em Lisboa a obra, que tem o título de – *Riqueza do Brasil* – que é interessante pela *notícia do grande descobrimento das Minas de Ouro e Diamantes*, e pelos efeitos, que dele resultaram em detrimento da Agricultura das Capitanias de Beira-mar.

Depois do Tratado de Utrecht de 1713, em que, por Acordo das Potências que tinham Possessões Ultramarinas, se estabeleceu o Sistema Colonial, foram insuperáveis os obstáculos da exploração do Brasil pelos Sábios da Europa: pois que eram inibidos os Estrangeiros de examinarem este País; apenas as Leis permitindo tocarem suas Embarcações nos Portos por arribada forçosa, para concertos de avarias, e provisões necessárias a continuar a sua viagem. Por isso era impossível demorar-se qualquer pessoa, que tivesse espírito de indagação, o tempo conveniente a exercer com proveito a sua curiosidade.

D. João V, reconhecendo a gravidade desta falta, aspirou à Glória de ser o Fundador da Academia de História Portuguesa; verossimilmente considerando, que só o concurso de Sábios da Nação seria o Expediente adequado à seleta, e completa Coleção dos Anais do Estado. É notável, que fosse um dos preeminentes Sócios desta Academia, o famoso Brasileiro *Alexandre de Gusmão*, natural da Cidade de Santos, que, pelo seu saber e caráter, mereceu muita honra e amizade daquele Soberano. Na Fala que fez na dita Academia assim se explicou:

Para de todos os modos engrandecer a Nação Portuguesa, procura Sua Majestade ressuscitar as Memórias da Pátria da indigna escuridade, em que jaziam até agora: é a lição da História um fecundo seminário de Heróis.

Causa espanto o ver-se, que tantos Literatos, que entraram nesta Academia, mais se desvelassem em panegíricos uns dos outros, e em estilo tão circumlocutório e hiperbólico, do que nos objetos do seu Instituto.

Em 1735 deu a luz em Paris uma História geral de Portugal *Mr. De La Clede*, de que no reinado de El-Rei D. José fez tradução o Professor de Retórica Pedro José da Fonseca. Mas toca levemente nos Sucessos do Brasil desde o seu Descobrimto até o princípio do reinado do dito Soberano, sendo o seu principal objeto o Reino de Portugal, e as suas Conquistas n'Ásia.

No reinado da Senhora D. Maria I apareceu na Língua Inglesa mui abreviada *História de Portugal*, composta por uma *Sociedade de Homens de Letras* em Inglaterra, que só chega ao fim do reinado d'El-Rei D. João V, e que foi traduzida por um natural do Rio de Janeiro *Antônio Moraes e Silva*, Autor do bem conhecido

Dicionário da Língua Portuguesa, o qual adicionou aquela História com um *Suplemento* sobre o último *Tratado de Limites do Brasil*.

Em 1770 o Padre Francês *Raynal* publicou a sua celebrada Obra do – *Estabelecimento dos Europeus nas duas Índias* –, onde também descreve o dos Portugueses no Brasil. Mas é manifesta a sua inexatidão. Assim a *Terra de Santa Cruz* permaneceu reclusa por mais de três séculos aos *Olhos da Ciência*, quase continuando a ser *Terra incógnita*.

Depois das Obras de *Vieira, e Berredo*, o mais considerável escrito do século findo sobre os Sucessos do Brasil é o de Fr. *Gaspar da Madre de Deus*, que lhe deu o título de – *Memórias para a História da Capitania de S. Vicente* – que se imprimiu em Lisboa em 1794 por ordem da Real Academia das Ciências.

No presente século, depois do estabelecimento da nova Corte no Rio de Janeiro, se imprimiram na Tipografia Nacional eruditas *Memórias* sobre várias Províncias do Brasil. Distinguem-se a do Desembargador do Paço *Antônio Rodrigues Velloso*, e do atual Presidente da Província de S. Pedro do Sul, o Desembargador *José Feliciano Fernandes Pinheiro*, naturais da Província de S. Paulo: eles com discrição mencionaram os mais notáveis sucessos políticos desses Países.

A *Corografia Brasílica*, publicada no Rio de Janeiro em 1817, pelo seu egrégio Autor, natural de Portugal, o Padre *Manoel Aires de Casal*, é digna do maior apreço. Mas o seu objeto foi a Descrição das dezenove Províncias do Brasil, fixando a época do original Estabelecimento de cada uma. Desviei-me do seu método, adotando a Ordem Cronológica dos principais sucessos políticos, e econômicos; conformando-me ao exemplo dos que escreveram seguido Corpo de História de algum País.

As *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, e das Províncias anexas, fazem honra ao espírito patriótico de seu erudito Autor, Monsenhor *José de Souza Pizarro e Araujo*; ele as tem sucessivamente dado à luz em 9 tomos desde 1820.

Ainda que particularize no 1º Vol. os sucessos do Brasil sobre os Estabelecimentos Civis até a invasão do Rio de Janeiro por *Mr. Guay-Trouin* no princípio do Século XVII, e toque incidentalmente em outros sucessos de semelhante natureza; contudo o seu principal objeto foi o fazer a *História Eclesiástica Brasileira*, que desempenhou com grande diligência, autenticando quase tudo de modo satisfatório.

Substanciarei as Providências Gerais do Governo e da Santa Sé, para a estabilidade e extensão da Igreja do Ocidente.

Não devo intrometer-me nas particularidades desta Repartição, porque seria *fazer o feito*.

Este incansável Literato diz no Vol. 1º em nota 8 da pág. 103:

Como não tenho por objeto principal a análise da história para firmar épocas dos exploradores do Mundo Novo, contentando-me em apenas em dar as notícias mais precisas dos descobrimentos do Brasil, *fica por isso reservado esse artigo ao exame de novo Historiador*.

Não me desorientei nessa pesquisa, de efeito impossível quanto às antigas épocas, sobre que tanto se tem controvertido por Escritores nacionais e Estrangeiros. Não sou competente a compor tantas lides. Não podendo entrar em dúvida os fatos capitais da História do Brasil, isto nos basta. Tomei a lição de *Hume*, o qual principia a História da Inglaterra assim refletindo: “A curiosidade de todas as Nações civilizadas em inquirirem as aventuras e proezas de seus antepassados, excita o pesar de ser a História dos séculos remotos tão envolvida em escuridade, incerteza, e contradição. Homens de engenho, quando tem descanso, se empenham em levar as suas indagações além do período, em que se formaram, ou preservaram, Monumentos Literários; sem advertirem, que a História dos sucessos passados é imediatamente perdida, ou desfigurada, quando se confia à memória, ou à tradição vocal, de Nações menos cultas etc”.

Em 1805 se publicou em Londres uma Obra Inglesa com o título de – *Narrativa da Viagem ao Brasil* – de – *Thomas Lindley* –, Capitão de um Navio, que foi confiscado na Bahia, sendo ai prezo por contrabandista de Pau-Brasil.<sup>12</sup> Ainda que do teor da Obra se mostra, que o autor não é homem de Letras, contudo manifesta-se, que era curioso em inquirir sobre Objetos importantes, sendo em parte verdadeiro, ainda que em vários pontos maligno.

O Posto de Historiador do Brasil se acha preocupado pelo Escritor Britânico Robert Southey, que completou a História deste País na Língua Inglesa, em três volumes *in folio*, publicado em Londres em 1812 a I Parte; a II em 1817; e a III em 1820,<sup>13</sup> findando a exposição até a época da vinda do Senhor D. João VI ao Brasil.

Este escritor previne aos Leitores, que além das conhecidas Obras sobre o Brasil, se valera de raros Escritos impressos, ou inéditos, que seu Pai diligenciara na residência por trinta anos em Portugal; sendo algumas comunicadas pelo Ministro Inglês *Walpole*, que foi muitos anos Enviado da sua Corte, na de Portugal. No prefácio do 2º Volume, havendo antes pedido auxilio à república das Letras, e oferecendo-se a pagar por qualquer preço Livros relativos aos Sucessos do Brasil, entre as pessoas que nomeia das que lhe fizeram Comunicações Literárias, declara em primeiro lugar ao Senhor *Charles Stuart*, que o mimoseou com a Obra – *O Valeroso Lucideno*; e por fim ao *Conde dos Arcos*, sendo Governador da Bahia, que a Livraria Pública desta Cidade lhe enviou, (segundo diz) com *singular liberalidade* a Gramática de *Anchieta* &c.

Desta Obra ainda não apareceu tradução: de certo é digna desse trabalho, se algum Patriota a abreviasse, reduzindo-a a justas proporções.

<sup>12</sup> Convém na atual conjuntura bem advertir-se na declaração, que faz, em ar de ingenuidade, na pág. 209, dizendo, mui senhor de si, haver escapado da prisão (valha a verdade!) por auxílio de *Pedreiros Livres* da Cidade da Bahia, acrescentando, que os Irmãos da Ordem, que lhe deram escapula, “procederam pelos mais puros motivos de humanidade e benevolência (grandes característicos da Sociedade, a que tinha a honra de pertencer) assim formando forte contraste com os outros seus degenerados, e ignorantes Cidadãos.”

– Que Moral! Os mancomunados da Maçonaria, sacrificando, ou pervertendo, a honra do comandante da Fortaleza, subtraem à Justiça um Réu de crime evidente, que violava com devassidão o Estanco Real, que era de Lei do Estado, e com que se sustentava uma das rendas da Coroa! Que exemplar caridade dos que protegem os que desorganizam e desarmam a Força pública, tirando ao Governo os meios de defender o estado, e pagar aos Empregados! *Et crimine ab uno / Disce omnes.*

<sup>13</sup> **Nota da transcrição:** Na verdade, 1810, 1817 e 1819, respectivamente.



Considero, que ela contém o cabedal mais abundante das notícias dos principais Sucessos políticos do Brasil até a dita Época: eu a tenho por Farol deste meu empreendido Ensaio. Os Habitantes do Brasil devem à sua pena o seguinte louvor, com que os acredita na Sociedade Civil. Peço licença para aqui transcrever as seguintes, não menos lisonjeiras que instrutivas, passagens.

No tomo III Cap. XXXVII pág. 362 diz:

Considerando-se, quão pequena nesga de terra constitui o reino de Portugal, e o quanto esta mesma nesga é pouco povoada; que Portugal, por fanatismo, ciúme, e orgulho, que predomina no seu Caráter Nacional, jamais favoreceu nas respectivas Colônias o estabelecimento da superabundante população, e indústria das outras Nações; talvez achar-se-á, que os Brasileiros tem feito maior, e mais rápido progresso, em proporção aos seus meios, do que nunca fizeram os Colonistas dos outros Estados, que tem Domínios Ultramarinos. Com muita ignorância e falsidade se tem argüido aos habitantes do Brasil de inércia, e falta de espírito. Eles se têm estabelecido ainda além do Rio *Orellana*, e ocasionado muitas contendas com os Espanhóis relativamente aos Limites respectivos; tendo por isso os mais perspicazes desses Vizinhos seus receios sobre a segurança do Peru. Eles abriram Caminho até o rio Negro; e, daí atravessando por um encadeamento de Rios e Lagos, tem feito certo o *fato* da comunicação entre os Rios *Orellana* e *Orinoco*, penetrando com suas Canoas até as *Missões Castelhanas*. Cessando já toda a dúvida a esse respeito pelo testemunho de *Humboldt*, de cuja autoridade não há apelação.

Não obstante as injuriosas restrições, e complicadas desvantagens, com que a Literatura estava paralisada, o Brasil, em proporção ao tempo de sua descoberta, e pouca população, tem produzido mais homens de Letras que a Grã-Bretanha.

Raros eram os Empregados Públicos Brasileiros, que tivessem recebido a melhor educação, que a Mãe-Pátria lhes podia dar. É maravilhoso, que muitos deles ostentaram na vida pública ardor de instrução, só por amor da sabedoria. Eles bem conheciam, que os escritos que fizessem, não seriam publicados durante as suas vidas, e provavelmente pereceriam sem jamais virem à luz. Impossível lhes era esperar lucro de seus trabalhos literários; não podiam, nem por sonho, esperar fama presente, e mal lhes ocorreria ao espírito a expectativa de honra póstuma. Contudo está História do Brasil, foi, em grande parte, feita de documentos coligidos, e preservados por casualidade, de Escritores Brasileiros.

*Quando a História do Brasil for continuada pelos que depois de mim vierem, note-se o mau fim do Padre João Ribeiro (aliás bom naturalista) que se matou pelas próprias mãos, vendo abatida a Revolução de Pernambuco de 1817, de que foi o primeiro motor.*<sup>14</sup>

Já se foi a idade dos *Poderosos*. As Pessoas, que tem adquirido poder em consequência de suas grandes propriedades, achando-se em situações do Brasil favoráveis às exportações de seus produtos, e estando assim mais ao olho e alcance do Governo, e por tanto influídos pelo espírito dos tempos; em lugar de serem perturbadores da Ordem Pública, e obstarem ao progresso da Indústria, e opulência do País, serão antes os maiores promotores da sua civilização.

Conclui Southey a sua História com a seguinte *Parênética*.

<sup>14</sup> O infausto sucessos de 1824, que reproduziram em o Norte do Brasil as nefandas cenas das infatuações [sic] de Pernambuco, mostram que ficaram as sementes das péssimas Doutrinas do mencionado

Os Brasileiros têm por sua Herança uma das mais belas Porções da Terra. Sublimes e gloriosos Prospectos estão ante os seus olhos, se escaparem da praga da Revolução, que destruiria a felicidade de toda a Geração existente, acarretando a Anarquia e Guerra Civil, as quais rematariam por dividir o País em grande número de pequenos e inimigos Estados: então decorreriam séculos de carnificina e miséria, antes de poderem restaurar-se do estado de barbaridade, em que seriam abismados. Na verdade, será cego o Governo, se não prosseguir em *Generoso Sistema de Política*, pelo qual unicamente se pode prevenir tal praga. Deus na sua misericórdia conceda aos Brasileiros o estabelecer entre si a verdadeira ordem, liberdade, ciência, e piedade, afim de florescerem por todos os séculos.

Além dessas Obras principais, convém, que mencione as seguintes de Viajantes ao Brasil depois que a Corte veio de Portugal.

Em 1812 *João Mawe* publicou em Londres a sua Obra, que dedicou ao Senhor D. João VI. Este viajante com permissão do Governo penetrou até o distrito Diamantino do *Serro do Frio*, e deu à Europa explícito conhecimento da atual grandeza do comércio e Indústria das Províncias centrais.

Em 1817 *Henry Koster*, que examinou as Províncias de Pernambuco, e Ceará, deu também a luz em Londres a sua Obra com o título de – *Viagens no Brasil* –, que dedicou ao acima dito *Robert Southey*. Ele particulariza fatos, que manifestam a Importância agrícola, e Mercantil destas vastas porções do Norte do Brasil.

273

Também no mesmo ano de 1817 se imprimiu na Alemanha no idioma do País a Obra do Príncipe da Prússia *Maximilian Wied-Neuwied* (de que foram subscritores Grandes Príncipes, e Cidades do Império Germânico) que compreende a Viagem que fez do Rio de Janeiro até o Rio doce. – Ele foi mui resumido sobre o progresso da civilização do Brasil; sendo o desígnio principal desse ilustre Viajante a investigação de objetos de História Natural, trazendo para isso em sua companhia dois Naturalistas Alemães, um dos quais *Mr. Selous* é pensionário do Nosso Imperador, e se acha em viagem ao Uruguai para fazer Coleção de produtos destinados ao Museu Imperial desta Corte. É notável a sua reflexão:

A transmigração do Soberano, e de Sua Corte ao Brasil, não podia deixar de ter grande e benéfica influência neste País. O opressivo sistema de misteriosa exclusão foi abolido; a confidência substituiu o lugar da tímida desconfiança; e permitiu-se a Viajantes estrangeiros acesso a este campo de novas descobertas. Até agora a Natureza tem feito mais no Brasil do que o Homem: contudo, desde a vinda de El-Rei muito se tem feito para vantagem do País. O Rio de Janeiro particularmente, onde se vê cena de vida e energia, tem recebido vários melhoramentos; e, entre estes, devo noticiar as muitas Regulações para se promover mais ativo comércio. Aí há tantos artistas de todas as Classes, vindos de todos os Países, que em poucos anos não haverá falta de coisa alguma, que pertença aos cômodos e prazeres da vida.

---

Eclesiástico *suicida*: estas já foram com um sopro dissipadas pela força terrestre e marítima, que lhes mandou o Fundador do Império.

Em 1824 a Sra. Inglesa *Maria Graham* publicou em Londres a sua Obra, a que deu o título de *Jornal da Viagem ao Brasil* –, onde descreve alguns dos Sucessos principais do Rio de Janeiro, Bahia, e Pernambuco, de 1821 em diante, e de que se declara testemunha de vista. Aí incorporou vários fragmentos de Diplomas relativos à Independência do Império do Brasil, e de *Falas* na Assembléia Constituinte até as Deliberações sobre o voto de Agradecimento ao nosso Primeiro Almirante, Lord Cochrane, na sua viagem de volta do Maranhão, onde com a Imperial Força Marítima contribuiu para por em ordem essa Província, agitada dos partidos contendores. Esta Obra é digna de atenção, pela delicadeza com que toca pontos melindrosos, e pela justiça que faz ao Imperador, e aos Brasileiros, em propugnarem pela sua Dignidade, resistindo às maquinações das Cortes de Lisboa, que (diz) *consideravam o Brasil como um Estabelecimento na Costa d'África*.

Devo fazer justiça ao meu patrício natural da Cidade da Bahia, o coronel do Imperial corpo de Engenheiros, Manuel Ferreira de Araujo (ora Professor Emérito da Academia Militar), por ser o Primeiro, que, depois da vinda da Corte ao Brasil, excitou os Literatos do País para fazerem Investigações e Memórias sobre a História Civil e Natural deste Continente, com o seu Periódico Mensal – *O Patriota* –, em que se vê o nobre esmero em inquirir as Cousas da Pátria, e em coligir Notícias e Peças raras, clandestinas, e importantes ao progresso da Indústria Rural, Mineira, e Mercantil do Estado. Nessa obra se incorporam mui curiosas Memórias sobre as Províncias do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso. O Historiador Southey o cita com freqüência.

Em 1754 se imprimiu em Lisboa a coleção de escritos em prosa e verso, com o título de – *Júbilos d'América* –, de uma Sociedade particular de Literatos do Rio de Janeiro, que se apelidou – *Academia de Seletos* –. Mas só contém elogios de seu exemplar Governador *Gomes Freire de Andrade*, que também foi encarregado do Governo de Minas Gerais, e da Demarcação do Brasil no Rio da Prata. O amor e estudo da Literatura, que podiam promover os conhecimentos históricos do Brasil, tiveram sempre até a vinda da Corte em 1808 enorme estorvo por falta de Tipografias no país; pois, em razão do Sistema Colonial, e ciúme de Portugal, o governo mandou abolir uma única Tipografia, que se tinha, antes do meado do século [décimo] oitavo, introduzido no Rio de Janeiro.<sup>15</sup>

Tal era a esse respeito o ferrete da ignomia, que o Vice Rei o Marques de Lavradio não pode sustentar uma Academia que instituiu; e outro Vice Rei Luiz de Vasconcelos, animando a investigação de inocentes objetos da História Natural do País, dando patrocínio e auxílio ao Religioso do Convento de S. Antônio do Rio de Janeiro, José Mariano Veloso (prodigioso gênio autodidata) que fez uma

<sup>15</sup> Isto consta da Memória do insigne Filólogo Bibliotecário da Livraria Pública de Lisboa, o Desembargador Antônio Ribeiro dos Santos, inserta na coleção das Memórias da Real Academia das Ciências de Portugal.



Flora da Província,<sup>16</sup> ficou inédita até agora. Felizmente para Glória do governo Imperial, Sua Majestade o Imperador Deu Ordem para se imprimir na Tipografia da Corte.

Em a *Nova Enciclopédia de Edimburgo* se incorporou considerável artigo sobre a História do Brasil, em que a instrutiva, ainda que sucinta, notícia dos principais sucessos deste País até o Tratado de Comércio entre as Coroas Portuguesa e Britânica em 1810. Ali os insignes sábios daquela Atenas da Escócia apregoam ser esta vasta Região dotada pela Natureza com a mais exuberante fertilidade, e ser capaz de todas as produções, com que os melhores climas do Mundo são adornados e enriquecidos. Eles se reportam com especialidade à História de *Southey*, à *Viagem de Lindley*, e ao – *Ensaio Político do comércio de Portugal e suas Colônias, particularmente o Brasil*, impresso em Londres em 1801.

O autor deste Ensaio é o Bispo (que foi) de Pernambuco – *José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, natural da Província do Rio de Janeiro*. Em tributo de respeito a este Escritor Brasileiro, devo mencionar o Grande Serviço que fez ao Brasil em influir com sua autoridade e literatura no Ministério da Marinha para Abolição dos odiosos Monopólios do Sal e das Pescarias das Baleias. Fez porém (sinto dizer) grande desserviço em apregoar a necessidade, e justiça do Tráfico da Escravatura d'África; afetando ser antagonista de Wilbeforce, Pitt, e outros eminentes Estadistas e Filantropos de Inglaterra. Naquilo louvo, nisso desadoro.

275

Em 1815 se publicou em Paris uma *História do Brasil* (em 3 Volumes oitavo) na língua Francesa de Mr. *Alphonse de Beauchamp*, que logo foi traduzida em Lisboa, e no Rio de Janeiro. Não posso deixar de dizer, que, suposto seja de merecimento por mais concisa, contudo não emparelha com a do referido *Robert Southey*.

Em 1823 Mr. *La Beaumelle* deu a luz em Paris, um Compêndio Histórico de Sucessos do Brasil, que tem o título – *Império do Brasil, Considerado nas Relações Políticas e Comerciais* –, de que pouco depois se publicou no Rio de Janeiro a tradução do Padre Luiz Gonçalves dos Santos (Benemérito Compatriota).

Posteriormente o dito Mr. *Beauchamp* deu a luz em 1824 outra Obra com o título de – *Independência do Império do Brasil, apresentada aos Monarcas da Europa* –. Suposto se valesse de algumas idéias daquele seu predecessor; contudo, em obséquio da verdade devo dizer, que aos Brasileiros cumpre confessar o serem com especialidade obrigados ao mesmo Mr. *Beauchamp*, por ser não só Estrênuo, e Eloqüente advogado da *Causa do Brasil*,<sup>17</sup> mas também por ter feito justiça ao seu Heróico *Libertador*; assim dirigindo (e não debalde) a *Voz da Razão* às Potências da *Santa Aliança*.

---

<sup>16</sup> Os Naturalistas da Europa, que esperam a Flora do Rio de Janeiro, anunciada pelo sábio Mr. *S. Hilaire* na *Introdução*, já publicada, de sua viagem Filosófica desde aquela capital até o *Paranaguá*, hão de fazer o devido conceito de uma obra de tal culto literário de quem não estudou a História Natural na Universidade.

<sup>17</sup> Além da obra citada, também adquiriu crédito em outra obra menor, a que deu o título de *Golpe de Vista* – onde fez a Refutação do Folheto impresso em Londres, que se presumia expedida de Gabinete de uma Legação Estrangeira – *Estado Político do Brasil, considerado em suas Relações com Portugal* –. De ambas estas obras publiquei Extratos, com várias Notas em 1824.

Monarcas Europeus! Dizei o que deveria fazer D. Pedro! Devia regressar a Portugal, e render-se a discrição dos Conselheiros de seu Pai? Se a tal se resolvesse, teréis dezenove Repúblicas, e dezenove Bolivares de mais no Hemisfério d'América.

Estas linhas equivalem a Volumes.

Ainda que Mr. *Beaumelle* seja também credor a estima dos Naturais do Brasil, contudo (sinto dizer) não posso assentir á sua decisão categórica, com que atribui a Independência do Império do Brasil às causas ordinárias da dissolução dos Corpos Políticos, como dos corpos físicos, e à tendência da desmembração dos vastos Estados, pela distância da Capital do Governo, e falta de estradas para as comunicações interiores; e muito menos ao que, com ênfase, diz ser *Inflexível Destino e Lei do Fado irrevogável!* Isto eclipsa a Honra do Brasil, e a Glória do Imperador, que não foi instrumento passivo da fatalidade, mas exemplar de Virtude Pública, e Indústria Imperial, que bem seguiu, mas ainda melhor dirigiu, os sucessos, para feliz êxito do Conflito Político com Portugal. Ele não desviou, (quando em si esteve) da Linha da Justiça, nem fez cálculo de longitudes; mas somente sustentou-se no Predicamento, de que estava de posse, dentro do Círculo da Moral Universal, unicamente Escudando contra as Cortes de Lisboa, para Honra dos Brasileiros, a prometida *Igualdade de Direitos*.

Eis as Obras, de que me aproveitei, tendo a vista remetidos documentos da Secretaria de Estado dos Negócios do Império, e os Diários das Cortes de Lisboa, e da Assembléia do Rio de Janeiro, em imitação de Tácito, que diz ter composto os seus Anais do Império Romano pelos Comentários do Senado.

As *Memórias da – Vida de Lord Wellington – e dos Benefícios Políticos* do Senhor D. João VI, em que expus fatos e coligi Documentos relativos ao importantíssimo período da Vinda da Corte ao Brasil até a Coroação deste Augusto Senhor, facilitam-me nesta parte a ordenada História.

Prescindi de papeladas corriqueiras, inferiores, ou incertas, e, ainda mais, de conjecturas, fantasias, e intrigas dos Cabalistas do tempo; e não menos de tediosas digressões, com que vários Historiadores, ainda de crédito, têm sobrecarregado as suas narrações com frívolos ornatos de flores retóricas, que mais servem de escurecer do que de esclarecer os quadros. – Assaz farei se narrar fielmente os Sucessos de transcendente importância à Civilização, e Independência do Império.

Cumpra a fé incorrupta expor a verdade nua, e pura, como a História, para ser a *Mestra da Vida*.

Isto ainda é mais necessário na explanação das Cousas de um País a tantos respeitos *Novo*, que lenta e dificilmente se tem ido alongando da primordial rudeza do estado selvagem, onde quase tudo é uniforme, e pouco instrutivo; exceto nas *Maravilhas da Criação*, cujo desenho não entra no Plano do presente trabalho, e que sobre excede a minha Comissão, e esfera.

Os Historiadores são comumente prolixos em referir batalhas, expor intrigas, e circunstanciar desordens dos Estados; sendo muito menos curiosos e exatos

no exame e relatório do que mais interessa ao progresso da Civilização, e à prosperidade das Nações pelos seus Institutos e Regulamentos, ou pelos respectivos desgovernos, e infortúnios, que as degradarão no Teatro Político. Não darei tédio aos Leitores quanto ao primeiro ponto; espero vênia ao desvelo quanto ao segundo. Por isso com especialidade recorri, como Fonte Subsidiária, a Legislação relativa ao Brasil; tendo em vista não menos a *Dedução Cronológica e Analítica* do celebre Ministro de Estado, que tanto promoveu o extermínio dos Jesuítas, a quem a América Antártica muito deve o aldeamento e cristianismo dos Indígenas do Novo Mundo, e o Brasil a Educação Literária, bem que a vários respeitos fosse pior que inútil.

Não sou Tácito, que, (segundo Montesquieu diz) *abreviava tudo, porque via tudo*. Os Sucessos de mais de três séculos desde o Descobrimento do Brasil até o presente, são, por sua natureza e conseqüência, de superior importância aos do século descrito por aquele grande pintor de homens e eventos, que ainda está sem rival na concisão e instrução. Se o Autor da vida me conceder tempo e vigor, apenas me será possível, compilando fatos *dignos de memória*, aspirar ao empenho de *Floro* abreviador da História Romana; de *Mariana*, compendiador da História de Espanha; de *Córdoba*, recopilar da História do Sul d'América.<sup>18</sup>

Não é possível dissimular o quanto ainda me turba o empenho de relatar os Sucessos da Regeneração do Brasil desde o ano de 1821, por me expor a inexorável censura, que se tem feito aos que se aventuram a escrever a História dos Sucessos Contemporâneos, que jamais satisfaz aos altanados, e fastidiosos, que a consideram não ser imparcial, mas composta com recentes ódios, por influxo do Poder estabelecido, e contemporização a partidos, sem cuidar-se na Posteridade.

Prevedo, e prevenindo, as críticas austeras, entendo ser do meu dever expor com lisura os meus sentimentos, oferecer alguma apologia, e refutar as invectivas, que já correm no Brasil em escritos Nacionais, e Estrangeiros.

Quando, no fervor da justa indignação dos patriotas contras as Cortes de Lisboa, publiquei a minha *Reclamação XIV* contra os opiniáticos, que instavam ao Senhor D. Pedro, então Príncipe Regente, para romper com Portugal, Convocando uma Assembléia Geral de Deputados do Brasil na Corte do Rio de Janeiro (o que me atraiu tantas animosidades); desejando, se fosse possível, continuar a fazer parte da Grande Família da Nação Portuguesa, na conformidade das Bases da Nova Constituição Política; fiz o manifesto do meu cordial voto de *esperar que o Corpo Legislativo nos fizesse a devida justiça*.<sup>19</sup> Porém foram vãs

<sup>18</sup> *Ensaio de La Historia Civil Del Paraguay, Buenos Ayres, y Tucuman* – do Dr. Funes de Córdoba – publicado em Buenos Ayres em 1817.

<sup>19</sup> “Cumpre-nos exaurir todos os suaves e honestos recursos para nos congraçarmos com os nossos Pais, Irmãos, e parentes. Não há em Portugal tantos varões insignes, e os *homens bons* do nosso antigo e nobre Caráter Português?, etc”. Recl. XIV. Rio de Janeiro 23 de maio de 1822. – Estes sentimentos ainda são permanentes. Pelo que seja entendido, que onde neste Escrito se usa de acres termos, e queixumes, eles não dirigem à *personalidade*: as durezas do Sistema Colonial, as injustiças do Ministério, e as insolências dos levantados das Cortes, são os únicos objetos da Censura Histórica, salvos sempre o respeito e afeto à *Grei Portuguesa*, que Barros define a *Congregação de nossos progenitores, parentes, e amigos*.

as minhas esperanças pela contumácia, e soberba dos *Arquitetos de Ruínas*, causas da própria infelicidade,<sup>20</sup> e da presente separação entre o Brasil e Portugal, por abalarem com soterrâneas minas cabalísticas uma Monarquia de perto de oitocentos anos.

Todavia, ora reconhecendo a necessidade inevitável deste prodigioso Sucesso Político, penso que todos os cordatos Brasileiros, que sentem a doce intimidade das anteriores relações indestrutíveis de sangue, língua, e Religião, não duvidarão de dizer comigo, o que a respeito da Lusitânia um dos mais acreditados Escritores d'América Setentrional não duvidou confessar a respeito da Grã-Bretanha nos seguintes termos:

Há geral opinião em Inglaterra, que os Povos dos Estados-Unidos são inimigos do Estado-Pai. Este é um dos erros que têm sido diligentemente propagados por escrevinhadores mal intencionados. Nós olhamos com sentimentos de ternura e veneração para a terra dos nossos Avoengos – Augusto Depósito de Monumentos e antiguidades da nossa progênie – o Solo Natal, e o Mausoléu dos Sábios e Heróis da nossa História Paternal. Depois do nosso País, não há algum em cuja Glória mais nos deleitemos –; nenhum cujo bom conceito sejamos mais ansiosos de possuir –; nenhum para quem nossos Corações mais se sobressaltem com júbilos de mais ardente consangüinidade. Ainda durante a guerra, sempre que houve a menor oportunidade de manifestar estes naturais sentimentos, era delícia dos espíritos generosos do nosso País o mostrar, que, no meio das hostilidades, ainda conservavam vivas as faíscas de futura amizade.<sup>21</sup>

Demais: seria ignomia de qualquer Escritor do Brasil não ter a mesma liberdade de sentimentos que o Patriarca da História d'América, o insigne *Robertson*, que assim faz justiça aos Descobridores das antes incógnitas Partes do Mundo, que levaram as Quinas Lusitanas até a Austrolásia: diz no Liv. 1 da sua História pág. 55.

Chegou o período, em que a Providência Decretou, que os Homens passassem os Limites, dentro dos quais haviam por tão longo tempo sido encerrados, e abrir-se mais vasto Campo, em que se desenvolvessem os seus talentos com heróica empresa e coragem. Os primeiros consideráveis esforços para este fim, não foram feitos por alguns dos mais poderosos Estados de Europa, e nem ainda por aqueles, que se haviam aplicado à Navegação com maior afinco, e bom sucesso. *A glória de abrir a estrada nesta Nova Carreira estava reservada a Portugal, um dos mais pequenos e menos poderosos Estados da Europa.* As tentativas dos Portugueses em adquirirem os conhecimentos nas quatro partes do Globo, de que o Gênero Humano até esse tempo não era informado, não só melhoraram, e estenderam a Arte da Navegação, mas excitaram tal espírito de curiosidade e empresa que os conduziu à descoberta do Novo Mundo.

Parece que ora também se pode dizer, que a Glória de abrir Nova Carreira de Justo Império estava reservada ao Brasil com a Declaração de sua Independência,

<sup>20</sup> Octingentorum annorum fortuna, disciplina que compages haec coaluit; quae convelli, sine exito convellentium; non potest. Tacitus. Histor. Lib. IV. Cap. LXXIX.

<sup>21</sup> The Sketch Book – Vol. I. pág. 93. London. 1821.

e Aclamação do Império Constitucional do Legítimo Herdeiro da Casa de Bragança, que Susteve, por Graça do Poder *Invisível*, a queda da Monarquia Lusitana, convulsa nos seus Fundamentos pelo Terremoto político de 24 de Agosto de 1820, de maior estrago que o Terremoto de Lisboa de 1º de Novembro de 1755, no Sucesso da explosão das furnas revolucionárias dos *Pedreiros Livres*, que atentaram por materiais combustíveis aos quatro cantos do, então Unido, Reino de Portugal, Brasil, e Algarves, afim de estabelecerem, contra as Leis da Natureza, (que nada faz de salto) e contra as experiências dos Séculos, que tem mostrado os horrores das Anarquias, e Guerras civis, fantástica Regeneração do Estado, que acabava de sofrer catástrofe pela Tirania do Arqui-Revolucionista Invasor de Portugal, que em fim de 1807 fez o despótico Decreto:

“A Casa de *Bragança* cessou de reinar”.

Tendo os Espanhóis destruído os dois Impérios, que se acharam estabelecidos na América Meridional, do México e do Peru, de considerável grau de civilização e riqueza, na origem do seu Descobrimento, a Providência agora permitiu, que no Centro Marítimo daquele território imenso, surgisse Novo Império, para contrabalanço dos Estados de precária forma de governo; e isto de súbito, como o Sol na Zona Tórrida em repentino ascenso no horizonte sem crepúsculo, e com o mais Liberal Sistema, que completamente desfizesse o mesquinho, mortífero, e ímpio Plano do antigo Subjugador de Portugal *Filipe II*, que, em seu maior empenho, procurou fechar os Portos que a Providência abria para comunicação da Espécie Humana.

279

No Periódico – *Le Constitutionnel de Paris* – de 6 de Maio do corrente ano de 1825 vem a seguinte notícia, extraída de outro Periódico do Reino dos Países Baixos – *L’Oracle de Bruxelles* – de 3 do mesmo mês, no qual se refere que Filipe II, estando moribundo, deixou a seu Sucessor um Escrito, tendo por título – *Instrução do Rei de Espanha à seu filho*:

É preciso achar o meio de excluir todos os Príncipes da Europa da Navegação das duas Índias: o que não pode sofrer dificuldades, senão da parte da França, Inglaterra, e Holanda, e menos daquela que das outras duas, porque não tem Marinha; novo motivo de segurar a posse dos Países Baixos, e mais ainda de Inglaterra.

Deus Decretou de outro modo. Aquela Potência que havia expedido a que orgulhosamente intitulou Armada Invencível para invadir a Grã-Bretanha, declinou daí em diante em poder: presentemente a Espanha, por culpa dos seus Revolucionários Liberais, e de suas Democráticas Cortes, é a única Nação, que teima no velho sistema de *Despotismo e Monopólio*, e, de fato, também é a única que não participa dos benefícios do Comércio do Continente Americano.

Não é possível deixar em silêncio entre os escritos recentes e influentes a nova Obra, que em 1824 apareceu de Mr. *De Pradt* com o título – *A Europa, e América em 1822 e 1823* –, em que também expõe em *miniatura* os extraordinários Sucessos do Brasil no tomo II Cap. XLIV; adindo por fim em *Postcripto* do mesmo tomo cáustica censura sobre a *Extinção da Assembléia Constituinte do Rio de Janeiro*.



Este escritor que se afamou em um e outro Hemisfério depois da Obra (saída à luz no princípio deste século) intitulada — *Três Idades das Colônias* —; tendo-se constituído por outras obras subseqüentes o Ídolo do Partido Federal da América Meridional, conseguindo também por isso grande voga entre os entusiastas da Seita Maçônica, por desgraça tão mifizada no Brasil; é constante haver feito, com as suas declarações insidiosas sinistra impressão nos espíritos inquietos, que ainda suspiram pelo retorno dos Corifeus da Cabala, que haviam prevalecido (ainda que com efêmero ascendente) no dito Corpo Político. Ele agora descreve a Cena, que mais proximamente acelerou a Nova Ordem Política deste País.

Não se podendo levantar qualquer Edifício sem alimpar-se a área, não posso abrir mão desta *Preparação* sem fazer análise, e opor barreira, ao *Compêndio Histórico* do Triênio, que Mr. *De Pradt* cifrou nessa sua última Obra, de que tenho notícia.

Venerava a este Escritor da França, quando publiquei a *Memória dos Benefícios Políticos* de Sua Majestade Fidelíssima: por isso na pág. 179 me vali de uma sua excelente observação de outra Obra, que imploro licença de transcrever:

Penas d'Águia, e cem línguas eram necessárias para subir as regiões da invenção, a fim de bem narrar-se, ao som da Tebana Lira, o inesperado Benefício Político, que o senhor D. João VI Se Dignou Fazer à Monarquia Lusitana, ao mesmo tempo Realçando a Honra do Brasil, nos Ajustes da Escritura de Casamento em Viena d'Áustria pelos Plenipotenciários das Cortes respectivas na data de 29 de Novembro de 1816, e sua ratificação em 5 de Abril de 1817.

Paris em fevereiro deste ano, havia antecipado o aplauso da Imperial Beleza Desposada, dando circulação à nova Obra do Arcebispo de Malines, que, no anterior escrito sobre o *Congresso de Viena*, se constituiu o Pregão da Europa. Ali anunciou o Grande Fato Histórico, que fixa uma das mais memoráveis épocas nos Anais da Sociedade. Eis como louva a iluminada Política das Reinantes Casas de Bragança e Áustria, por *Grande Pensamento* do Gabinete da *Boa Vista*.<sup>22</sup>

Já as Filhas do Soberano da Corte do Brasil vieram assentar-se nos Tronos de Europa: a Filha de Césares vai associar-se ao Cetro do Brasil; outras as seguirão; e os dois Mundos, confundindo o seu sangue, em lugar de o derramarem mutuamente, substituirão os laços de família às cadeias de que eram carregados; e assim aproximarão a Humanidade para o destino que o Céu lhe tinha assinado, quando a criou, e era compor uma só Família, animada dos mesmos sentimentos, pois que a tinha dotado das mesmas faculdades.

Aqui Mr. *de Pradt* se extasia com sublimes sentimentos de humanidade e de sã política, considerando a firmeza do Estabelecimento de uma Monarquia absoluta no Brasil: exaspera-se atualmente vendo estabelecer-se um Império com Liberal Constituição conforme ao espírito do século, só porque o Imperador Constitucional não se curvou ao jugo de uma Assembléia ingrata à sua Generosa Convocação, e que, a passos de Gigante, avançava na *longa rota* dos rebelosos

<sup>22</sup> Real Palácio Suburbano do Rio de Janeiro.

Peninsulares de Espanha e Itália. Deixo ao Público atilado fazer o parelho do carácter daquele Escritor na época em que escreveu aquelas linhas, e do que manifesta na capitulada presente.

A *Verdade* é a Estrela Polar da História, e a circunstância que principalmente a distingue da *ficção*. Integridade, candura, e moderação, são as partes do Historiador. Informação e fidelidade são indispensáveis para o complemento [sic] do seu dever. Mas, se ele não foi Ator nas Cenas que relata, o seu conhecimento, em muitos casos, é circunscrito, e raras vezes pode ser perfeito. Razões de Estado, ou interesses da Nação, fazem inacessível autêntica inteligência de Arquivo de Gabinete: a dignidade e delicadeza de melindrosas transações reclamam resguardo, e silêncio do Historiador, que não esteja no predicamento de César, Carlos V, Frederico II, que escreveram Comentários dos Próprios feitos. Espero que isto me seja boa escusa na *Economia da Verdade* sobre Sucessos, de cujas circunstâncias não há uniformidade no Juízo do Público.

Era impossível escrever a história do Estabelecimento de Novo Império sem depor um grão de incenso no Altar da Pátria, e fazer, sem espírito de adulação (feito crime de servilidade) devido elogio ao Príncipe do Brasil, que na sua juventude se mostrou ser um Gênio da Harmonia, e mais que Prodígio da Política; pois, na mais crítica situação, sem exemplo nos Anais Históricos, Ostentou a mais extraordinária prudência e capacidade na Arte das Artes de governar Povos afogueados com os entusiasmos de um século revoltado contra as Legítimas Supremas Autoridades estabelecidas. O Imperador Carlos V, ainda que argüido, sendo Príncipe, de impaciência de reinar, foi admirado por manifestar talento para reger seu vasto Império ainda na menor idade: mas foi preparado (como refere o seu Historiador *Robertson*) pela admissão desde quinze anos ao Conselho do Estado, e entrou na posse tranqüila do Governo em tempo que a *Lealdade* era o Timbre das Nações cultas.

*Bacon*, celebrado Chanceler de Inglaterra, doutrinou, que a Primeira Honra era devida aos Fundadores dos Impérios.<sup>23</sup> *Hume*, Historiador do Império Britânico, sendo pouco liberal de panegíricos, é profuso elogiador de Alfredo o Grande, a quem dá o título de Fundador da Monarquia Inglesa, dizendo que fora um dos mais sábios e melhores Príncipes, que jamais ornaram os anais de alguma Nação; e que só a Fortuna, por ter nascido em século bárbaro, o privou de historiadores dignos de transmitirem sua fama à posteridade; desejando por isso o vê-lo delineado com as mais vivas cores, e pinceladas de Mestre; apenas descobrindo-lhe algumas nódoas, de que era impossível ser isento ainda o mais *Perfeito Caráter*.

Rio de Janeiro 27 de Setembro de 1825

---

<sup>23</sup> Essays Political – Cap. *Honour and Reputation* – The true marshalling [sic] of the degrees of sovereign honour are these: in the first place are – *conditores imperiorum* – founders of states etc...